

**A DUPLICIDADE DA ALMA HUMANA NUMA PERSPECTIVA
MACHADIANA**

**THE DUPLICITY OF THE HUMAN SOUL IN A PERSPECTIVE OF
MACHADO DE ASSIS**

Marcos Vinícius de Carvalho TERRA¹

RESUMO: Este artigo tem como finalidade analisar a duplicidade humana através de Jacobina, criação de Machado de Assis, sob um olhar psicológico. O personagem vive um conflito gerado por uma forte oposição (aparência versus essência), o qual é de extrema relevância para se entender de forma significativa a produção do escritor brasileiro. Além disso, será explorada a influência do filósofo alemão Arthur Schopenhauer no conto *O Espelho*. O pessimismo, característica marcante da segunda fase de produção do contista, também está presente no enredo em questão, além de ser um aspecto indispensável para um exame minucioso da trama.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; conto; espelho; aparência; essência.

ABSTRACT: This article aims to analyze the human duplicity through Jacobina, creating Machado de Assis, on a psychological look. The character lives a conflict generated by strong opposition (appearance versus essence), which is extremely important to understand significantly the production of Brazilian writer. Furthermore, the influence of the German philosopher Arthur Schopenhauer in the short story *O Espelho* will be explored. Pessimism, a typical feature of the second phase of production storyteller, is also present in the story in question, in addition to being an indispensable aspect for a thorough examination of the plot.

KEYWORDS: Machado de Assis; short story; mirror; appearance; essence.

¹ Graduado em Letras pela União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo (UNIESP/Ribeirão Preto). Artigo resultado de sua pesquisa de Iniciação Científica, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

O Espelho é um dos grandes enredos criado por aquele que está entre os maiores escritores de Língua Portuguesa, e por que não do mundo e de todos os tempos. Para se compreender um texto de Machado de Assis², é mister uma análise minuciosa. O conto apresenta aspectos importantes da produção machadiana: o psychologismo, o pessimismo, a ironia e a crítica social.

O psychologismo do autor explora os dois níveis da existência humana: o nível da aparência e o nível da essência. O pessimismo, influência de Arthur Schopenhauer³, está relacionado com a descrença no caráter humano e em seus valores. O homem, para conseguir algo, necessita vestir a máscara da hipocrisia. A ironia é um diferencial em Machado, Jacobina é um personagem que representa muito bem o humor negro do escritor. A crítica social do contista é sobre o materialismo e a subordinação do homem diante do objeto.

O título do texto, *O Espelho*, apresenta algo essencial para a compreensão significativa da trama, por representar o desdobramento da alma humana. Além disso, existem, no texto, fatores que o enquadram no gênero fantástico. O espelho da tia do personagem principal não é um objeto comum, ele está repleto de mistérios.

Contudo, o escritor, por meio de Jacobina, procura dar explicações lógicas para fatos sem explicação. Machado trabalha, com excelência, esse paradoxo entre o racional e o irracional. Por conseguinte, fica evidente que a análise do conflito entre o personagem com ele mesmo é fundamental para se entender o universo machadiano, sua visão de mundo, seu estilo único de escrita e sua avaliação psicológica da alma humana. Um dos maiores legados literários brasileiros foi deixado por Joaquim Maria Machado de Assis, um homem que atingiu a maestria na escrita e deixou obras que mesmo com o passar dos tempos parecem ser sempre hodiernas. Foi ele quem deu início ao Realismo no Brasil em 1881, com o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, rompendo com o estilo romântico (na segunda etapa de sua produção) e desmascarou a sociedade burguesa do século XIX. E mais:

² Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro e morreu em 29 de setembro de 1908 nessa mesma cidade. Escreveu romances, contos, peças, poesias e ensaios críticos.

³ Arthur Schopenhauer nasceu em Danzig, no dia 22 de fevereiro de 1788, e morreu em Frankfurt, no dia 21 de setembro de 1860. Ficou conhecido como o filósofo do pessimismo. Sua principal obra foi *O Mundo como vontade e representação*, publicada em 1819.

A posição de Machado de Assis no panorama da Literatura Brasileira é a de um renovador, não porque realmente revolucionou a narrativa brasileira, imprimindo a ela um tom mais verossímil e menos supérfluo, mas também porque foi além de seu tempo, imprimindo-lhe um senso psicológico notável. (JUNIOR; CAMPEDELLI, 2004, p.145).

A produção machadiana é dividida em duas fases. A primeira, entre 1870 e 1880, é marcada pela produção dos romances *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, *Helena e Iaiá Garcia*, dos livros de conto *Contos Fluminense* e *Histórias da Meia-Noite*, e as poesias de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*. É a chamada fase romântica (mas já apresentando traços realistas). A segunda, a fase mais radical, foi chamada de realista, nela estão presentes os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, além dos livros de contos *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias*, *Páginas Recolhidas* e *Relíquias da Casa Velha* e o livro de poesia *Ocidentais*.

Ainda que seja um excelente romancista, “tudo faz crer que Machado de Assis se realizou mais no conto do que no romance” (MOISÉS, 1964, p.31.). Com sua objetividade e um estilo ímpar, conseguiu retratar o comportamento social de sua época; além disso, mostrou aquilo que existe de mais profundo na alma humana, e é nesse aspecto que o criador de *Papéis Avulsos* atinge pessoas de todas as épocas. Os contos machadianos abordam com profundidade a *psiqué* do homem moderno, sondando suas vaidades e ambições. Machado expõe o caráter humano, mas de uma maneira sutil, que produz certa elegância em seus textos. Os personagens criados por ele são construídos dentro de uma dimensão psicológica que enriquece sua produção literária, colocando seu nome entre os maiores da história da literatura.

O crítico José Veríssimo afirma que em matéria de “conto foi ele, se não o iniciador, um dos primeiros cultores e porventura o primacial escritor na língua portuguesa” (VERÍSSIMO, 1998, p.441). O escritor realista desenvolveu uma criação literária na qual os conflitos não se passam no plano exterior envolvendo espaço e ação, o clímax de suas histórias se localiza no pensamento de seus personagens. Há sempre uma luta interna, uma batalha do homem para com ele mesmo. Machado de Assis, diferentemente de outros contistas, não cria ambiente para grandes peripécias, sua produção projeta um lugar voltado para a mente do homem, o que torna a afirmação do crítico verídica.

Quanto à linguagem, o prosador fluminense é sempre objetivo, possui um estilo clássico. A maneira clássica de Machado não tem a ver com o movimento conhecido, durante o Renascimento, como Classicismo. Mas sim, com sua forma de escrever, sempre evitando os excessos e demonstrando uma preocupação com a linguagem formal. Sua produção apresenta raríssimos desvios gramaticais. Machado de Assis sabe usar as palavras como poucos. Ele não se deixa levar pela emoção e pelo exagero; ao contrário, mostra-se um homem sempre racional, com uma sobriedade semelhante a Eça de Queirós⁴ e Gustave Flaubert⁵. Em seus contos, Machado consegue usar as palavras de um modo muito sutil, de tal forma que com um descuido na leitura, poder-se-á comprometer todo o entendimento de seus enredos. As letras se tornaram um poderoso instrumento nas mãos desse escritor, foram elas que o ajudaram a denunciar o casamento por conveniência, amizades movidas pelo interesse socioeconômico, a fraqueza moral do homem e os mistérios da alma humana.

O autor produziu uma extensa lista de contos realistas, dentre eles destaca-se *O Espelho*, no qual, de maneira alegórica, trata de aspectos relacionados ao espírito humano. O conto foi publicado no ano de 1882 em *Papéis Avulsos*, e se enquadra naquilo que Massaud Moisés⁶ chama de Realismo interior (MOISÉS, 1964, p.21). O drama se passa justamente dentro do protagonista, e nele, por meio de uma análise fria, é descoberto que a distinção social é seu objeto de desejo. Trata-se de uma narrativa que leva o leitor a “realidades interiores totalmente novas.” (MOISÉS, 1964, p.27).

O conto, de modo geral, é constituído por uma unidade dramática, porquanto o enredo gira em torno de somente um conflito. No caso de *O Espelho*, o drama é vivido por um alferes, o qual se vê em crise quando precisa lidar com a solidão e tem que encarar a si mesmo diante do objeto especular. Outro aspecto proeminente é o fato de o conto possuir um espaço restrito. O texto em questão se passa dentro do sítio de uma tia do protagonista, aliás, “entre quatro paredes, diante do terreno deserto e da roça abandonada” (ASSIS, 1995, p.64). Vale ressaltar que o enredo apresenta outros espaços, como por exemplo, a casa que ficava no Morro de Santa Teresa, onde se principia a

⁴ Eça de Queirós nasceu no dia 25 de novembro de 1845 em Póvoa de Varzim, Portugal, e morreu em 16 de agosto de 1900 na capital da França, Paris. Seus romances satirizavam e criticavam a elite portuguesa e a hipocrisia dos religiosos.

⁵ Gustave Flaubert nasceu no dia 12 de dezembro de 1821 em Rouen, França, e morreu em 8 de maio de 1880, Croisset, França. Foi um crítico da produção romântica e é considerado o pai do Realismo.

⁶ Massaud Moisés foi professor titular da Universidade de São Paulo 1973 a 1995, e professor visitante nas universidades de Wisconsin, Indiana, Vanderbilt, Texas, Califórnia e Santiago de Compostela.

narrativa de Jacobina, e a vila em que morava sua mãe; contudo, nesses espaços não se passa a ação central e por isso “são vazios de dramaticidade” (MOISÉS, 2003, p.44.). O conto também costuma apresentar uma unidade de tempo, o texto de Machado apresenta essa unidade, e ainda que a história se inicie quando o personagem principal já está entre seus quarenta e cinquenta anos, o conflito central se realiza durante alguns dias de sua mocidade. O entrelaçamento entre ação, espaço e tempo, se casa muito bem com o estilo enxuto do escritor brasileiro. Massaud Moisés explica que:

A técnica de estruturação do conto assemelha-se à técnica fotográfica: o fotógrafo concentra sua atenção num ponto e não na totalidade dos pontos que pretende abranger no visor; focaliza um detalhe, o principal, no seu entender, e capta-lhe os arredores, de modo não só fixar o que vê, mas também o que não vê. (MOISÉS, 2003, p.52).

O texto se inicia em terceira pessoa; porém, no desenrolar da trama, Jacobina assume o papel de narrador-personagem. No final, o texto acaba voltando para a terceira pessoa. Quando o protagonista começa a discursar diante dos “cavalheiros”, perceber-se-á uma característica do fantástico: “um personagem-narrador, um eu que conta sua história dentro da história” (RODRIGUES, 1988, p.10). Há também, no texto machadiano, outros elementos que se enquadram nesse gênero. Como, por exemplo, a temática do desdobramento da alma humana, e a eliminação do ser refletida no espelho. Embora apresente esses aspectos inexplicáveis segundo a razão humana, o escritor brasileiro nunca deixa de ser racional, e mesmo que haja a dúvida – a qual, segundo Todorov⁷, caracteriza o gênero fantástico (1975) –, em hipótese alguma o texto perde a verossimilhança. Mesmo diante do fato de o espelho não refletir “sua figura nítida e inteira” (ASSIS, 1995, p.66.), Jacobina procurou dar uma justificativa coerente para a situação, ele atribuiu “o fenômeno à excitação nervosa em que andava”. (ASSIS, 1995, p.66.). Com isso:

O texto oferece um diálogo entre razão e desrazão, mostra o homem circunscrito à sua própria racionalidade, admitindo o mistério, entretanto, e com ele se debatendo. Essa hesitação que está o discurso narrativo contamina o leitor, que permanecerá, entretanto, com a sensação do fantástico predominante sobre as explicações objetivas. A literatura, nesse caso, se nutre desse frágil equilíbrio que balança em

⁷ Tzvetan Todorov (Sófia, 1939) é crítico, filósofo, historiador, linguista e semiólogo, e um dos mais renomados intelectuais europeus.

favor do inverossímil e acentua-lhe a ambigüidade. (RODRIGUES, 1988, p.11).

O próprio título do texto já contém um objeto de valor para ser analisado e de grande importância em todo o enredo. Um dos objetivos do contista é mostrar aquilo que realmente o ser humano é. O ensaísta Umberto Eco⁸, em um estudo sobre o espelho, diz que:

Ele não “traduz”. Registra aquilo que o atinge da forma como o atinge. Ele diz a verdade de modo desumano, como bem sabem quem -diante do espelho - perde toda e qualquer ilusão sobre a própria juventude. O cérebro interpreta os dados fornecidos pela retina, o espelho não interpreta os objetos. Mas é exatamente essa declarada natureza olímpica, animal, desumana dos espelhos que nos permite confiar neles. Confiamos nos espelhos assim como confiamos, em condições normais, nos próprios órgãos perceptivos. (ECO, 1989, p.17).

Não foi por acaso que Machado escolheu justamente um espelho para trabalhar com a alma do ser humano. Como escreveu o semiólogo italiano, o espelho mostra a realidade. Sendo assim, não há possibilidades para mentiras diante dele. O objeto especular proporciona um encontro de grande impacto, o ser se deparando consigo mesmo. Os textos machadianos funcionam como um espelho, refletem não só a situação moral dos burgueses de seu século, como também a do homem de um modo universal. No texto analisado, não é diferente, o contista brasileiro consegue refletir as grandes ambições humanas.

A figura do espelho também remete a uma questão mitológica:

Uma das linhas mestras da ficção machadiana parte do aproveitamento dos arquétipos, que remontam à tradição clássica e aos textos bíblicos (Arquétipo = modelo de seres criados; padrão exemplar; imagens psíquicas do inconsciente coletivo e que são o patrimônio coletivo de toda humanidade.). (ANDRADE, 2002, p.145).

⁸ Umberto Eco nasceu no dia 5 de janeiro de 1932 em Alexandria, Itália. Ele é semiólogo e romancista, e já ganhou vários títulos honoríficos de instituições acadêmicas no mundo inteiro.

O olhar para si mesmo é um tema presente na mitologia grega em um de seus mitos mais conhecidos. O texto mitológico serve para reafirmar o tema da vaidade, o qual é comum aos dois textos. Machado pressupõe que o seu leitor divida com ele um conjunto comum de informações a respeito da tradição clássica:

Havia uma fonte clara, cuja água parecia de prata, à qual os pastores jamais levavam rebanhos, nem as cabras montesas freqüentavam, nem qualquer um dos animais da floresta. Também não era a água enfeada por folhas ou galhos caídos das árvores; a relva crescia viçosa em torno dela, e os rochedos a abrigavam do sol. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida na fonte e pensou que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados como os de Baco ou Apolo, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável e animado do conjunto. Apaixonou-se por si mesmo. Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. Esta fugiu com o contato, mas voltou um momento depois, renovando a fascinação. Narciso não pôde mais conter-se. Esqueceu-se de toda a ideia de alimento ou repouso, enquanto se debruçava sobre a fonte, para contemplar a própria imagem. (BULFINCH, p.145).

A história de Jacobina confunde-se com a trajetória de Narciso, os dois personagens cultuam a própria imagem e são símbolos do culto à aparência. Os dois textos continuam a falar a uma sociedade que coloca a imagem acima do caráter e dos valores éticos. Além disso, denunciam o individualismo do ser humano e sua despreocupação com o outro. O espelho também simboliza a duplicidade; durante o conto, ver-se-á um desdobramento do protagonista. Machado de Assis mostra um homem que vive na ilusão das aparências e tem sua essência consumida por elementos externos.

Na literatura machadiana, o significado do nome também tem um valor importante, o escritor realista escolhe a dedo a palavra que irá designar seus personagens. Isso é percebido em romances como *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*. “Capitu fez Bentinho capitular; Bentinho, beato, inocente; Sofia sabedoria” (MOISÉS, 1964, p.26.).

No conto aqui analisado, o nome do protagonista também foi escolhido de maneira muito minuciosa. Ao nomear Jacobina - aquele que vence -, o escritor revela o seu lado irônico. Em um primeiro plano, tem-se a impressão de que realmente houve

muitas vitórias por parte do personagem central, porquanto deixou de ser o “Joãozinho”, tornou-se um “capitalista” aprendendo o jogo das máscaras. Entrementes, ele foi um grande perdedor, submeteu-se ao objeto - sua farda- e ainda perdeu sua essência, transformou-se num ser fútil, de aparência. A ironia é um dos recursos que mais contribuiu para a grandeza da produção de Machado, sendo uma maneira de expor seu pessimismo em relação ao estado decadente do ser humano. “O recurso da ironia tem o pressuposto a valorização do leitor, visto como capaz de perceber o sentido camuflado ou oculto na mensagem enviada” (DUARTE, 2006, p.154).

Outro aspecto relevante do conto é a maneira fria como o homem é apresentado. Jacobina, mesmo sabendo que uma das filhas de sua tia Marcolina está à beira da morte, parece não dar importância ao acontecimento. Aliás, ele apenas se preocupa com o fim dos privilégios que cessarão com a ida de sua bajuladora atrás da filha enferma:

Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. (ASSIS, 1995, p.64).

O escritor também revela certo pessimismo em relação ao ser humano, o qual é facilmente dominado por coisas fúteis e não se interessa ou mostra preocupação pela situação alheia. O autor de *Quincas Borba*, em um determinado momento de sua história, demonstra que perdeu “todas as suas ilusões sobre os homens” (PEREIRA, 1939, p.217).

As pessoas, ao entrarem em contato com sua produção, principalmente a partir de 1881, sentirão uma descrença nos valores religiosos, filosóficos e políticos pregados em sua época. O conto em questão é um grande exemplo desse niilismo em Machado, entrementes, ele não começa e também não termina com a criação do alferes. Ele está presente em boa parte de seus romances e contos, fazendo com que os leitores que já o

conhecem, desconfiem de cada um de seus personagens, os quais parecem sempre esconder ou tramar alguma coisa de maneira tênue.

Uma das influências sofridas por Machado foi a de Arthur Schopenhauer, um dos filósofos mais conhecidos do mundo, o qual, assim como o escritor brasileiro, possui uma visão pessimista da vida:

Como subtilmente foi observado por Eugênio Gomes, as obras principais de Machado de Assis são governadas por uma idéia central de inspiração schopenhaueriana, que se desdobra em mitos e metáforas: a da inexorabilidade do Destino. (REALE, p.20. Disponível em: < www.academia.org.br/abl/media/prosa44a.pdf >. Acesso em: maio de 2012).

O grande filósofo do pessimismo influenciou sobre as ideias de ilustres pensadores, inclusive no universo literário (como se vê em Machado). Nomes como os de Richard Wagner⁹, Émile Zola¹⁰, Franz Kafka¹¹ e Sigmund Freud¹² estão na lista dos influenciados por Schopenhauer. O filósofo alemão escreveu sobre diversos temas: liberdade, sexo, vontade, amor, política, moral, literatura, filosofia, entre outros. Ele tinha como objetivo “demonstrar que este é o pior dos mundos possíveis, e, por isso, para o homem seria melhor não ter nascido” (REDYSON, 2005, p.7). Por causa de sua crítica e resistência aos ideais do Iluminismo, é considerado filósofo do Romantismo. Segundo Deyve Redyson¹³, há no pensamento do filósofo alemão uma duplicidade do caráter significativo do ser humano, “pois de um lado ele é sujeito do conhecer e de outro ele é o corpo” (REDYSON, 2005, p.49). Além disso, diz que para o mesmo a vida do homem é movida por “egoísmos rivais” e que “a satisfação de um indivíduo necessariamente acarreta o sofrimento do outro. O egoísmo é uma atitude natural de um ser em relação ao outro” (REDYSON, 2005, p.73). Assim como Machado, Schopenhauer acreditava na duplicidade e no egoísmo dos indivíduos humanos.

⁹ Richard Wagner nasceu na cidade de Leipzig, Alemanha, no dia 22 de maio de 1813 e morreu em Veneza, Itália, no dia 13 de fevereiro de 1883, aos 70 anos. Foi compositor erudito, autor de óperas como *Tristão e Isolda*, *Parsifal*, etc.

¹⁰ Émile Zola nasceu no dia 2 de abril de 1840 na cidade de Paris, França, e morreu também na capital francesa, em 28 de setembro de 1902. Zola é considerado o fundador da ficção naturalista.

¹¹ Franz Kafka nasceu no dia 3 de julho de 1883 na cidade de Praga, Tchecoslováquia e morreu no dia 3 de junho de 1924 na cidade de Kierling, Áustria.

¹² Sigmund Freud nasceu em Freiburg, na Morávia, hoje República Tcheca, no dia 6 de maio de 1856 e morreu na cidade de Londres, Inglaterra, em 23 de setembro de 1939. Foi médico neurologista judeu-austriaco, fundador da psicanálise.

¹³ Deyve Redyson é doutor em filosofia e professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Um fato bastante curioso na vida de Jacobina se passa quando ocorre sua nomeação de “alferes da Guarda Nacional”:

Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. (ASSIS, 1995, p.62-63).

Não foram todas as pessoas que se alegraram com a nova posição de trabalho do personagem central, o qual usa uma expressão bastante forte para mostrar o estado de alguns moradores de sua vila diante do fato, “choro e ranger de dentes”, uma frase que retoma passagens bíblicas a respeito do final dos tempos. Essa situação revela a incapacidade de um indivíduo humano ver o outro feliz ou em posição de destaque. Os próprios colegas do protagonista mudaram seu comportamento para com ele depois de sua promoção. Ver-se-á que o pessimismo machadiano passa pelo alferes e pelas pessoas que compõem seu círculo social.

O enredo criado por Machado explora a temática da duplicidade humana - a alma exterior e a alma interior. Mas o que o escritor queria transmitir com isso? Esse desdobramento alegórico de Jacobina produz um efeito de sentido que tem muito a ver com a visão do contista a respeito do ser humano e suas relações sociais. Quando se pensa em alma, as pessoas logo a relacionam com algo abstrato, que não pode ser tocado ou visto. Porém, a partir do momento em que se entra em contato com a história do alferes, perceber-se-á que a mesma parece se apresentar também com outro sentido, no qual pode se tornar até mesmo visível e palpável.

Jacobina foi construído em dois planos. O primeiro tem a ver com seu interior, aquilo que o personagem é para si mesmo, sem o olhar de seus amigos, parentes e conhecidos, sem ser dominado por elementos exteriores, sem ser embriagado pelos elogios e pelas conquistas profissionais. No segundo, ocorre a transformação do seu eu, ele começa a se preocupar com a visão de outros personagens a respeito de sua própria imagem, e fatores externos passam a ser prioridade em seu comportamento. Com isso o escritor realista mostra, através de um jogo psicológico, que a vida da figura central do

conto passa a ser de frivolidades. Por conseguinte, entende-se por alma interior a essência do ser, enquanto a alma exterior está ligada à aparência.

Machado de Assis faz ver os mecanismos que compõem a capacidade humana de se duplicar diante de determinadas circunstâncias, e por que não dizer que o ser humano se esconde atrás dessas “almas exteriores”, as quais não passam de dissimulação a fim de que seus interesses pessoais sejam atendidos de maneira satisfatória? Segundo Alfredo Bosi,

[...] esse jogo de tirar a máscara para logo reajustá-la no rosto acompanhará toda a ficção de Machado de Assis. O que se pode indagar, em cada caso, é a motivação profunda da máscara: defesa social ou “barro comum de que Deus fez a nossa sincera humanidade”? Motivos que, de resto, não se excluem mutuamente. (BOSI, 2002, p.35; aspas do autor).

A farda de Jacobina não passa de uma máscara para que o mesmo se esconda e mostre para as pessoas que estão a sua volta que ele é alguém de apreço, como se não fosse antes de sua promoção. Ainda hoje há aqueles que se escondem atrás de um corpo bonito, de uma roupa de grife, de um cargo importante numa grande empresa, de uma batina, de um púlpito, de um carro, e até mesmo de um nome, e fazem isso para dar a conhecer à sociedade que tais conquistas os tornam melhores. Dentro dessa visão presente na narrativa, das máscaras, também há um elo com a filosofia de Schopenhauer:

Nosso mundo civilizado não passa de uma imensa mascarada. Ali encontramos cavaleiros, padres, soldados, doutores, advogados, sacerdotes, filósofos, e o que não mais! Porém estes não são o que representam: são simples máscaras, sob as quais, via de regra, se situam especuladores financeiros (Moneymarkers). Contudo, também há um que toma de empréstimos a máscara do direito ao advogado, unicamente para malhar adequadamente algum outro, que escolheu, para o mesmo objetivo, a do bem estar público e do patriotismo; um terceiro, a da religião, da pureza da fé. Com finalidades diversas, muitos já escolheram a máscara da filosofia, e mesmo também da filantropia etc. A escolha das mulheres é menor: mais frequentemente se utilizam da máscara da decência, do pudor, das qualidades domésticas e da modéstia. Existem ainda as máscaras gerais, sem caráter específico: entre estas se contam a justiça rígida, a cortesia, a participação sincera e a amistosidade risonha. Na maior parte das vezes, como já dito, sob todas estas máscaras se localizam industriais, negociantes e especuladores. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 251-252).

O alferes e outros personagens machadianos, como por exemplo, a Sofia, de *Quincas Borbas*, e a Marcela, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, acabam colocando a aparência em um lugar de destaque em suas vidas. Isso faz com que seus relacionamentos sejam superficiais e possuam como baluarte o fingimento. O ser humano é, para o contista, como um grande artista que precisa encenar e interpretar diversos papéis a fim de satisfazer seus desejos pessoais, ou mesmo para esconder um desvio de caráter.

O contista fluminense consegue ir além do superficial, penetrando naquilo que existe de mais profundo em suas criações, levando o leitor à oposição entre aparência e essência. Os personagens são trabalhados com uma profundidade de consciência que difere Machado de Assis de outros. Através das situações que surgem em volta do personagem protagonista, pode se traçar seu perfil psicológico. O escritor tem uma capacidade de criar personagens complexos, o alferes possui profundidade psicológica e, através de sua ideologia, seu espírito é revelado. A caracterização do personagem acaba se sobressaindo ao próprio enredo. O contista, detalhadamente, revela o interior de sua criação e os motivos que o levam a agir. Machado usa o psicologismo de uma maneira única.

Outro aspecto importante da personalidade de Jacobina é o fato de se apresentar como uma figura que costuma impor suas vontades; durante sua narrativa, ele deixou bem claro que não admitiria juízos e opiniões. Além disso, há em seu caráter uma forte dosagem de autoestima, a qual é alimentada pela visão que as outras pessoas possuem de sua identidade. Enquanto houver vozes que massageiem seu ego, esse prezar-se a si mesmo será elevado. O jovem alferes se apresenta como dependente do olhar de quem está ao seu redor, dos elogios e das bajulações. Os olhares dos amigos, da tia e de seus escravos funcionavam “como olhares de admiração a partir dos quais a personagem se sente completa, satisfeita, capaz de exercer a sua dominação sobre o outro, visto então apenas como objeto desejante”. (DUARTE, 2006, p.148.)

O amor próprio levou “Joãozinho” da pobreza a “provinciano, capitalista, inteligente não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico” (ASSIS, 1995, p.61). Como um jovem teve sua vida mudada assim radicalmente? Ele aprendeu por meio do espelho o jogo das aparências, sem o qual provavelmente sua vida não teria tanto êxito. Outro fator relevante é que houve uma fusão do objeto com o ser, Jacobina tornou-se

uno com sua farda, a ponto de afirmar que depois do ocorrido ele foi outro. Isso aponta mais um elo entre a narrativa de Machado e a filosofia de Schopenhauer, pois o autor de *O mundo como vontade e representação* também relatou sobre a relação entre o ser e o objeto:

Quando, erguidos pela força do espírito, abandonamos o modo comum de examinar as coisas, cessando de acompanhar somente suas relações entre si, cujo objetivo último é sempre a relação com a própria vontade, pelo fio condutor das configurações do princípio de razão, sem mais considerar nas coisas o onde, quando, por que e para que, mas única e exclusivamente o que; não permitindo também que se aloje na consciência o pensamento abstrato, os conceitos da razão; entregando porém todo poder de nosso espírito à contemplação, submergindo nesta inteiramente, permitindo o preenchimento pleno da consciência pela tranqüila contemplação do objeto natural ocasionalmente presente, seja uma paisagem, uma árvore, um rochedo, uma construção, ou o que for; ao nos perdermos inteiramente neste objeto (sich gaenzlich in diesen Gegenstand verliert), num significativo modo de expressão alemão, ou seja, esquecendo nosso indivíduo, nossa vontade, continuando a subsistir somente como sujeito puro, límpido espelho do objeto; de tal modo que tudo se passasse, como se existisse unicamente o objeto, sem alguém que o percebesse, não se podendo mais distinguir portanto a intuição do seu sujeito, mas ambos se tornaram um, ao ser a consciência plenamente preenchida e ocupada por uma única imagem intuitiva; quando, portanto, o objeto abandonou toda relação com algo externo a ele, e o sujeito toda relação com a vontade; então o que é conhecido não é mais a coisa individual como tal; mas é a ideia, a forma eterna, a objetividade imediata da vontade neste grau; e precisamente por isto o referido nesta intuição já não é indivíduo, pois o indivíduo se perdeu numa tal intuição; mas ele é sujeito puro do conhecimento, destituído de vontade, de dor, de temporalidade. (SCHOPENHAUER, 2005, p.30)

A partir do momento em que o fundador da Academia Brasileira de Letras deu origem a um personagem que tanto necessita do objeto para ser, foi aberta a porta para uma severa crítica a uma sociedade materialista cuja dependência do ter é imensurável. A busca pelo prestígio cada vez mais compromete os valores morais, e coloca em grande risco aquilo que o ser humano tem de mais precioso, a essência. O espelho não se limita ao século XIX, assim é com toda produção machadiana, porquanto apresenta uma temática universal. O materialismo exacerbado continua sendo, talvez hoje de uma maneira mais intensa, uma enfermidade para a sociedade, além disso, suas conseqüências são as piores possíveis. Esse grande mal faz com que as coisas fúteis sejam os maiores objetos de desejo do ser humano, os quais levaram o escritor a fazer

“uma velada crítica a uma sociedade hipócrita e preocupada com o lucro e com as aparências”. (DUARTE, 2006, p.142).

Jacobina buscava *status* e isso pode ser percebido em quase todo o conto. Um fato bastante curioso se passa durante o sono do personagem:

Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. (ASSIS. 1995. p.65)

Mesmo dormindo, o alferes demonstra cobiça por louvores e promoções, e se coloca em uma posição de realce. Sua vaidade o leva a sempre querer se sobressair. Seu espírito narcisista desmascara sua avidez por ver sua própria imagem no olhar dos outros e seu desejo de ver seu nome comentado na boca de seus familiares e amigos. A opinião de um público fascinado pelas suas glórias tornou-se mais importante do que qualquer coisa. Aquilo que as pessoas pensavam a seu respeito se sobressaiu a seu próprio querer.

Nessa atmosfera das máscaras (até mesmo por questão de segurança e por que não de sobrevivência), a opinião de terceiros se faz essencial a fim de que as aparências e as formas do fingir tenham efeito. O homem, nessa busca incansável pela fama, pelo poder e pelos *status*, faz crescer os sentimentos de rivalidade e disputa.

Com isso, se enlaça em suas vaidades, além de se aproximar das futilidades, as quais são movidas por sua própria ambição. Machado de Assis, como poucos, fez refletir em sua produção literária esse anseio humano por impressionar os outros. As pessoas acabam se sujeitando a situações que comprometem o seu modo de sentir, agir e ser. Ele desmascarou uma sociedade que, sem perceber, perde a sua essência, e está vestida com a farda da falsidade. A hipocrisia se tornou tão comum, a ponto de fazer parte de quase todas as conversas, casamentos, instituições políticas, comunidades religiosas, imprensa, em suma, grande parte dos seguimentos sociais.

A veracidade perdeu seu valor, o que vale é representar, desenvolver competências a fim de que o ser seja afetado, perdendo a consciência da virtude e da

nobreza. Não há dúvidas, o mestre do Realismo brasileiro conhece, entende, perscruta a alma humana, por isso seu conto reflete, como um espelho, este objeto repleto de mistérios que desafiam a humanidade.

Considerações Finais

Ao criar Jacobina, Machado de Assis comprova mais uma vez que conhece a alma humana. A leitura de *O Espelho* é tão importante quanto qualquer romance de sua segunda fase e é fundamental para se compreender o que foi chamada fase madura do escritor. Esse conto não pertence exclusivamente ao século XIX, ao Realismo, à Literatura Brasileira (mesmo sendo uma das melhores produções da época e tendo fortes características do movimento do período). Ele é universal ao perscrutar o interior do alferes; Machado desmascarou o homem, mostrou aquilo que é comum a todos.

O espelho foi escolhido por Machado por ser um símbolo do fantástico, o qual simboliza o duplo, a duplicidade humana, o desdobramento entre o *ser* e o *parecer*. E por aludir ao culto, à aparência, pois não há como não fazer uma analogia com o mito de Narciso. A história de Jacobina é uma representação da vaidade. Machado remete o leitor ao campo mitológico, da mesma forma que ele atravessa o campo da psicologia e da psicanálise. A profundidade de consciência de Jacobina revela a habilidade do contista em criar seres em uma dimensão psicológica elevada. O alferes é um dos personagens mais complexos da literatura brasileira.

Jacobina é fruto da competência de criação de Machado com sua descrença nos valores de uma sociedade hipócrita. Por isso, ele também é uma representação do pessimismo, porquanto o ser humano não é capaz de se alegrar com a felicidade do outro, da mesma forma que os amigos do personagem não foram capazes de se alegrar com sua promoção. E mais, a infelicidade do homem está no fato de que sua realização depende de *status*, do objeto, do ter. Enfim, a trama criada por Machado reflete a miséria humana.

Referências

ANDRADE, F. T. de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas- Machado de Assis**. In: **Objetivo - Os livros de FUVEST**, 2002.

ASSIS, M. de. **A cartomante e outros contos**. São Paulo: Moderna, 1995.

BOSI, A. **Machado de Assis**. 1º Ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. O Realismo. In: **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 163-259.

BULFINCH, T. Eco e Narciso. In: **O livro de ouro da mitologia – Histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda. p.143-148.

DUARTE, L. P. A Ironia Romântica e a Valorização da Tessitura Textual em Camilo e Machado. In: _____. **Ironia e humor na literatura**. Ed. PUC Minas: Belo Horizonte, 2006. p. 141-152.

ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. 3º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 1-37.

JÚNIOR, B.A & CAMPIDELLI, S. Y. **Tempos da Literatura Brasileira**. 6º edição. São Paulo: Editora Ática, 2004. p.130-145.

MOISÉS, M. O Conto. In: **A Criação Literária (Prosa I)**. 19º edição. São Paulo: Cultrix, 2003. p.29-102.

_____. **Temas Brasileiros**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1964. p 1-46.

OLIVER, M. **História ilustrada da filosofia: Os grandes filósofos, 2000 A.C. aos dias de hoje**. 1º edição brasileira. Barueri: Editora Manole Ltda, 1998. p.22-24.

PEREIRA, L.M. **Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)**. 2º edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. p.217-275.

REALE, M. A. **Filosofia na obra de Machado de Assis**. Disponível em: < www.academia.org.br/abl/media/prosa44a.pdf >. (Acesso em: maio de 2012).

REDYSON, D. **Dossiê Schopenhauer**. São Paulo: Universo dos livros, 2009.

RODRIGUES, S. O Fantástico na literatura. In: **O Fantástico**. São Paulo: Editora Ática, 1988. p.9-68.

SCHOPENHAUER, A. **Arthur Schopenhauer – Vida e Obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.

TODOROV, T. Discurso Fantástico. In: **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. p.83-98.

VERÍSSIMO, J. Machado de Assis. In: **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 429-450.